

## **A leitura e o universo do leitor Uma experiência em sala de aula<sup>1</sup>**

(Reading and the reader's universe  
An experiment in the classroom)

Gizéle Mancuzo de BRITO  
Universidade Estadual de Maringá  
Valda Suely da Silva VERRI  
UNIVALE

*ABSTRACT: This article reports the reading of two texts made by students of an elementary state school. The purpose is to evaluate to what extent readers' s previous knowledge interferes with the construction of meaning. The results show that the text which was closer to readers' previous knowledge produced deeper understanding, indicating the importance of the role played by the teacher in mediating the reading process.*

*RESUMO: Este trabalho constitui-se a partir da verificação de leitura de dois textos, feita por alunos do Ensino Fundamental de uma escola estadual. Esta verificação tem como principal objetivo avaliar em que proporção o conhecimento prévio desses leitores interfere no ato de atribuição de significados aos referidos textos, uma vez que*

---

<sup>1</sup> Uma exposição mais sintética desta pesquisa foi publicada em forma de comunicação coordenada durante o XIV CELLIP, realizado na Universidade Estadual de Maringá (UEM), em outubro de 2000.

## O UNIVERSO DO LEITOR

*cada indivíduo aciona seu universo de conhecimentos no ato da leitura. O resultado a que se chega é a observância de que um dos textos se aproxima melhor do universo de conhecimentos desses leitores, o que lhes possibilita uma leitura mais profunda e, por sua vez, aponta a importância do papel do professor como mediador do processo de leitura.*

**KEYWORDS:** *texts, readers, previous knowledge*

**PALAVRAS-CHAVE:** *textos, leitores, conhecimento prévio*

O texto escrito, depois de gerado, é entregue a uma variedade de atos de interpretação. Esses atos de interpretação se ocupam do preenchimento das lacunas que formam os implícitos colocados no texto pelo autor de maneira intencional ou não. O papel do leitor é, então, perceber e atribuir sentido a esses espaços, lançando mão de suas experiências, crenças, opiniões, interesses, enfim, sua maturidade em relação a leituras anteriores, bem como seu conhecimento de mundo.

Essa subjetividade, constituída por elementos individuais do leitor, é que se pode caracterizar como o conhecimento prévio. Conhecimento este que é fundamental para determinar o tipo de leitura que será realizada. Entendemos, assim, que o leitor interfere no texto, atribuindo a ele sua visão pessoal, a fim de construir o mundo textual a partir de suas vivências. Dessa forma, nossa pesquisa visa à verificação da importância do conhecimento prévio e do seu grau de interferência no ato de leitura. Para isso, utilizamos dois textos que diferem entre si quanto a seu conteúdo, mas que se equivalem no tipo de linguagem, pois

ambos mesclam linguagem verbal e linguagem não-verbal. O referencial teórico principal para o desenvolvimento deste trabalho são as conceituações de leitura oferecidas por Maria Helena Martins e por Ezequiel Teodoro da Silva, as quais se prestam adequadamente à natureza dessa investigação, que trata de uma verificação de leitura.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos duas charges extraídas do jornal “O Diário do Norte do Paraná” publicado no dia vinte e sete de junho de 1999. A primeira apresenta como tema central uma crítica ao jogador de futebol Edmundo. A segunda charge constitui uma crítica ao Movimento Sem-Terra. Por se tratar de textos que empregam a linguagem verbal e também a não-verbal, e que, portanto, lançam ao leitor todas as informações ao mesmo tempo, não as organizando numa seqüência rigorosa, decidimos não formular questões de interpretação. Dessa forma, acreditamos que os leitores ficariam mais livres para se expressarem num texto coeso. Consideramos que esse procedimento os auxiliaria a empregar melhor a subjetividade o que era nosso propósito.

Os leitores que constituem o *corpus* deste trabalho são alunos de sétima série do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Estadual. Após a coleta dos textos escritos pelos alunos, fez-se a análise para selecionar alguns deles. Assim, na tentativa de comprovar o nosso suporte teórico que ressalta a influência do conhecimento prévio para a realização da leitura, verificamos nestas análises a proporção em que o conhecimento prévio desses leitores é capaz de interferir na atribuição de significados às charges que lhes foram propostas.

Quando se fala em leitura, o que nos vem em mente é a decodificação da linguagem escrita. Sabe-se que atualmente o conceito de leitura vai muito além desta visão

## O UNIVERSO DO LEITOR

tradicional “(...) aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados.” (Martins, 1982, p. 34). A partir dessas palavras, podemos dizer que mesmo um indivíduo que não tenha o conhecimento do código escrito é capaz de ler. Temos como exemplo os costumes indígenas, tais como: o significado de sua dança, as pinturas em seu corpo, a previsão do tempo etc. Eles estão realizando leituras a todo momento.

Desde os primórdios quando ainda não existia a linguagem escrita o homem já realizava atos que podem ser considerados como leitura e que surgiram da necessidade de comunicação, por exemplo: os grunhidos, os gestos, pinturas na parede, tudo isso funcionava como um código que, promovendo a interação entre as pessoas, também é um tipo de leitura. Paulo Freire ressalta que “(...) a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (Apud Martins, 1982, p. 10)

Segundo Maria Helena Martins, existem muitas concepções de leitura e estas podem restringir-se a duas caracterizações, são elas:

- “(...) 1) Como uma decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica)”. (Martins, 1982, p. 31)

Através destas definições, fica claro que essas abordagens de leitura estão dependentes e interligadas, ou seja,

uma necessita da outra para que a leitura seja realizada. Há, entretanto, uma reciprocidade de necessidades entre tais categorias. A autora tem muito cuidado em dar uma visão de leitura, pois é muito subjetiva esta questão. Cada indivíduo a vê de maneira diferente, e isto dificulta uma reflexão concreta. Ainda para Martins, existem três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional. Estes níveis, entretanto, estão ligados, mesmo que um ou outro se destaque de acordo com as experiências do leitor.

Leitura sensorial: pode ser considerada uma leitura inicial, quando o interesse do leitor se despertará com cores, letras, ilustrações trazidas no livro, ou também na entonação de voz (sons), quando contada uma história e até mesmo quando cantada uma música por alguém. “(...) Essa leitura sensorial começa, pois, muito cedo e nos acompanha por toda a vida.” (Martins, 1982, p. 40). Essa forma de leitura lúdica cria a fantasia, as ilusões juntamente com o mágico, o fantástico que fazem parte da imaginação das crianças. É através desta sensibilidade que o leitor começará a descobrir, de maneira inconsciente, sua preferência de leitura.

Leitura emocional: o leitor neste nível, quando em contato com o objeto lido, é dominado pelos seus sentimentos. Ele poderá ser transportado para outros tempos, lugares, conforme seu desejo, com isso, a imaginação tomará conta desse indivíduo até o final da leitura. Isso pode ter um lado positivo e outro negativo. Quando a emoção ressalta a necessidade do ser humano de fugir da realidade em que vive e buscar experiências novas, fantasias, fazendo-o participar da leitura, o leitor vivenciará este momento de modo prazeroso. Ele certamente se sentirá melhor, mas, se a leitura for pesada, demasiadamente angustiante, dependendo do seu estado de espírito, pode até levá-lo à

## O UNIVERSO DO LEITOR

depressão. Neste nível a emoção é mais forte que a razão. Assim se confirmam as palavras de Martins:

“(...) na leitura emocional não importa perguntarmos sobre o seu aspecto, sobre o que um certo texto trata, em que ele consiste, mas sim o que ele faz, o que provoca em nós”.(Martins, 1982, p. 52)

Leitura racional: quando se chega neste nível, o que fala mais alto é o intelecto. Não deve ser confundida com a leitura proposta por alguns intelectuais que acham que só se deve apreciar os grandes clássicos da literatura, preservando assim as culturas eruditas, que para muitos são desconhecidas. Esta leitura, juntamente com a sensorial e a emocional, fará com que o leitor tenha uma visão ampla de conhecimentos, a fim de conseguir captar a essência trazida no texto, bem como o que está nas entrelinhas, tornando-o capaz de questionar e argumentar sobre o que foi lido. Assim, faz-se conformidade com esta autora, que diz:

“(...) E ela (a leitura) não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social”. (Martins, 1982, p. 66)

Relacionando essa teorização à escola, o que se nota em relação a esta instituição é que sua verdadeira função hoje seria a de possibilitar aos alunos a continuidade da leitura de mundo que eles já possuem. A criança entra na escola, trazendo consigo um universo individual, o qual deveria ser motivado, estimulado, enfim, aproveitado pelo professor para, a partir daí, introduzir a leitura da palavra escrita. Assim, o professor conseguiria despertar o interesse do aluno pela leitura. Ao contrário disso, a instituição parece privilegiar um tipo de leitura mecânica, desconside-

rando toda a história do indivíduo enquanto um sujeito leitor. O livro didático, por sua vez, vem quase sempre limitar o conhecimento dos alunos, fazendo com que eles pensem que as idéias lá ancoradas, são verdades absolutas. Marques tem uma visão realista e consciente sobre a formação dos alunos nas escolas:

“(...) Feita para massacrar as diferenças e produzir forçadas de indivíduos enquadrados na Sociedade Burguesa, Dependente e Consumista, a escola expõe aqueles que resistem e impõe a dominação pelo consenso àqueles que permanecem nela até o fim da escolaridade aprendendo a não ser, para se tornarem ‘bons’ alunos e ‘bons’ cidadãos.” (Marques, 1993, p. 41)

De acordo com esta citação, podemos dizer que a escola molda seus alunos conforme a demanda da classe dominante, deixando-os como sujeitos passivos, sem reação de argumentar e sim de aceitar as condições impostas pelas instituições. O aluno, quando lê algum texto solicitado pelo professor, dificilmente consegue prender sua atenção, pois o texto é quase sempre visto como um instrumento de obrigações, de deveres e não de prazer. Assim, o processo de decodificação se torna permanente e o de compreensão quase inexistente. Conforme já foi mencionado, ler não se limita pura e simplesmente a decodificar os itens lingüísticos contidos nos textos. Portanto, a leitura não pode ser confundida com a reprodução mecânica de informações, sob pena de produzir um leitor passivo e consumidor de mensagens irrelevantes para ele. O ato de ler, então, liga-se estreitamente à atribuição de significados ao texto. Segundo afirma Ezequiel Teodoro Silva:

“(...) Significado é aquilo que se mantém oculto e que se desvela apenas pela inteligibilidade. Note-se que o significado não está nas coisas e nos objetos, nem nas

## O UNIVERSO DO LEITOR

proposições, mas constitui uma possibilidade de desvelamento, de atribuição, que é característico do Ser-do-Homem.” (Silva, 1981, p. 29).

Se atribuir significados é, conforme explica o pesquisador acima, um ato subjetivo, distante de ser algo processado mecanicamente, é nesse sentido que se pode afirmar que o leitor, no contato com o texto, deixa aflorar todo seu conhecimento de mundo, suas crenças, interesses, opiniões pessoais, enfim, seu universo individual, o que naturalmente difere de um indivíduo para outro. Todos esses elementos, que estão centrados no leitor, seguramente interferem no seu diálogo com o texto de maneira a determinar o tipo de leitura que ele vai fazer num determinado momento.

Estudos feitos por Ângela Kleiman esclarecem essa relação da seguinte forma:

“(…) A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências<sup>2</sup> necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente.” (Kleiman, 1997, p. 25)

Isso significa que a familiaridade do leitor com vários tipos de textos, bem como suas vivências alheias a textos escritos, interferem de uma maneira significativa na compreensão no ato da leitura. É o que possibilita a um

---

<sup>2</sup> Inferência: capacidade de passar indiretamente de uma proposição para outra fazendo a ligação com outras proposições.



leitor experiente, por vezes, julgar banal num texto aquilo que a um outro leitor comum causaria surpresa.

O leitor terá dificuldade na compreensão de um texto quando a assimetria entre ele e o autor for muito marcante, como por exemplo, quando a linguagem deste é voltada a textos dos quais o leitor não tem conhecimento. Nesse caso, mesmo que tente fazer inferências, certamente ficará comprometida a interpretação. É o que nos revela Gerard Vigner:

“(...) Um texto será então, legível por um lado, porque funciona segundo leis, esquemas, de que já dispõe o leitor (...) e, por outro lado, porque se dá como reescritura de outros textos, levando assim em conta a experiência anterior do leitor”. (Vigner, 1997, p.35)

Para o autor, um texto será sempre dependente de outros textos, fazendo referências mútuas, a fim de explicitar melhor o conteúdo para informar e formar o leitor no processo da leitura, assim é possível dizer que os textos dialogam entre si.

O texto escrito é por sua natureza econômico. Algumas informações não são dadas de maneira explícita, pois isso o tornaria exageradamente extenso. Essas informações que ficam subentendidas já fazem parte de uma determinada cultura, tornando-se desnecessário explicitá-las ou representam as intenções autorais, ficando, portanto, a critério do leitor percebê-las por meio dos aspectos formais do texto. Dessa forma, a postura ocupada pelo leitor, face ao texto escrito, pode ser uma postura passiva, de alguém que se limita a decodificar o que está dito a nível textual, ou pode ser a de um leitor que, lançando mão de seu conhecimento prévio, ou seja, de sua bagagem de experiências, consiga cooperar com o texto,

## O UNIVERSO DO LEITOR

periências, consiga cooperar com o texto, atribuindo significado àquilo que não está dito claramente, mas sugerido.

É bem verdade que todo texto é, conforme afirma Umberto Eco, “(...) um artifício sintático-semântico-pragmático cuja interpretação previsível faz parte do próprio projeto generativo.” (Eco, 1979, p. 71). Entretanto, cabe destacar desta afirmação, que a interpretação de um texto é apenas previsível, pois não se pode determinar com exatidão o que pretendia o autor ao escrevê-lo, assim como o autor não pode prever as interpretações que os leitores farão. Inúmeras interpretações podem ser cabíveis, uma vez que a relação entre autor e leitor difere consideravelmente da relação face-a-face, na qual os parceiros podem mutuamente se questionar, de forma a saber se a mensagem foi compreendida como se pretendia. O autor do texto escrito, ao publicá-lo, entrega-o a muitas formas de compreensão que podem ser ou não aceitáveis, tomando por base os elementos presentes no texto.

As noções de texto e de linguagem freqüentemente nos remetem a textos e linguagens verbais, ou seja, aquelas que se exprimem por meio da palavra. Entretanto, sabe-se que existem outras formas de linguagem, como a da pintura, música, mímica, dança etc, e que por meio destas também o homem pode representar o mundo.

Fiorin et al. afirmam que a diferença mais nítida entre o texto verbal e o não-verbal é de que:

“A linguagem verbal é linear. Isto quer dizer que seus signos e os sons que a constituem não se superpõem, mas se sucedem destacadamente um depois do outro no tempo da fala ou no espaço da língua escrita. Em outras palavras, cada signo e cada som são usados no momento distinto do outro. (...) Na linguagem verbal, ao con-

trário, vários signos podem ocorrer simultaneamente.”  
(Fiorin et al., 1997, p. 371-372)

Embora se trate de linguagens diferentes quanto à sua apresentação, que é o que afirmam as palavras acima, o que se quer ressaltar neste momento é que a linguagem não-verbal, tanto quanto a linguagem verbal, requerem um leitor que coopere com o texto. Importa-nos aqui, destacar a relevância do papel do leitor enquanto um configurador de significados ao texto. E este, mesmo em se tratando de imagens, carrega consigo uma variedade de informações implícitas, às quais cabe ao leitor perceber e dar sentido. Esse processo de interação não difere em grande proporção nos dois tipos de textos, verbal ou não-verbal. Em ambos os casos, o leitor estará lançando mão de seu conhecimento prévio para transpor aquilo que lhe aparece explicitamente (palavras ou imagens) e só assim poderá dialogar com aquilo que está implícito no texto (as possíveis intenções autorais). Em outros termos, quanto ao texto verbal, o leitor decodifica palavras, e, quanto ao texto não-verbal, imagens. Em ambos os casos, a decodificação não deve ser um ato com fim em si mesmo, mas uma etapa do processo de uma leitura mais profunda.

Considerando toda essa concepção de leitura, nossa pesquisa prática em sala de aula foi realizada em julho de 1999, numa escola da Rede Estadual em Maringá-PR, em uma turma de sétima série do Ensino Fundamental. A sala se constituía de quarenta alunos, cuja faixa etária variava entre 12 e 14 anos. Todos os alunos da turma, tomaram parte do trabalho de leitura do texto, no entanto, apenas uma amostra é selecionada para análise, vez que seria desnecessário e exaustivo descrever a leitura feita por cada um dos quarenta alunos. O critério para a seleção dos tex-

## O UNIVERSO DO LEITOR

tos dos alunos foi a observação da proporção em que foi empregada a subjetividade. Subjetividade esta, que implica seguramente na aplicação do conhecimento prévio para a compreensão daquilo que foi lido. Os textos dos alunos então selecionados, a nosso ver, representam a influência do universo de conhecimentos do leitor na leitura destes textos propostos. Eis o primeiro texto que lhes foi entregue para leitura.

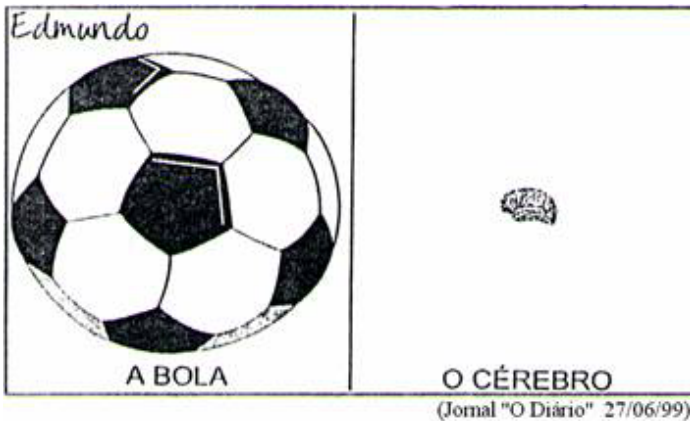


Figura 1 – Texto 1

Logo em princípio, pôde-se notar que o texto foi bem aceito pelos alunos e que, de maneira geral, não apresentaram grandes dificuldades para compreendê-lo. O texto foi lido na sala de aula e solicitamos, então, que escrevessem sobre os significados que lhe atribuíram. Para tanto, apresentamos a eles a seguinte questão:

“Leia com atenção o texto que você recebeu e, em seguida responda:

Para você, o que diz este texto?”

Queremos ressaltar mais uma vez que a finalidade deste trabalho é verificar a leitura do texto feita por cada estudante e que é influenciada pela sua bagagem de conhecimentos. Não se pretende analisar, nos textos escritos pelos alunos, a ortografia, pontuação, coesão, coerência etc, enfim, tudo o que caracteriza formalmente uma boa produção textual. Interessa-nos o que foi escrito por eles enquanto expressão da compreensão que tiveram do material que lhes foi entregue. Não é nosso propósito, portanto, avaliá-los enquanto escritores, mas como leitores. Por essa razão, os textos dos alunos são transcritos na forma original.

Um dos textos que selecionamos e o que, inclusive nos chamou mais atenção, pertence a um aluno, a respeito do qual sabemos que já possui uma certa vivência relacionada ao futebol, assunto da charge. Este garoto é parte integrante de um time de adolescentes e possui vários títulos conquistados.

#### Leitor 1

- 1 - Edmundo é um grande jogador, ele é um
- 2 - artilheiro dentro de campo, ele vibra com tudo
- 3 - o que ocorre no campo, quando ele faz um
- 4 - gol ele provoca a outra torcida. Afinal de tudo
- 5 - ele é um grande jogador, mas o único pro
- 6 - blema é que ele é muito indisciplinado.
- 7 - Esses últimos três anos ele brigava com os
- 8 - jogadores dos outros times, briga com os parcei
- 9 - ros dentro de campo, com os técnicos de times
- 10 - que ele joga e até com os diretores dos times.
- 11 - Nesse último ano, ele estava jogando em um
- 12 - time da Itália, ele não gostou por estar jogando
- 13 - no banco de reservas e só entrar no final
- 14 - do segundo tempo.
- 15 - Agora que ele está no Vasco, ele está muito

## O UNIVERSO DO LEITOR

- 16 - disciplinado, ele está dando um exemplo de
- 17 - um jogador bom e exemplar dentro de campo
- 18 - e está mostrando que ele mudou.
  
- 19 - a bola – significa que ele joga um bolão.
  
- 20 - o cérebro – significa que ele é indisciplinado
- 21 - dentro de campo, que não pensa antes de
- 22 - fazer as coisas.

Notamos que, antes de explicar os elementos que aparecem explicitamente no texto (figuras e palavras), o aluno fez várias inferências, ou seja, ele foi buscar em sua memória os conhecimentos que ele já possuía sobre o futebol e sobre o jogador que foi mencionado no texto. Ao final, pode-se perceber que as informações buscadas tiveram o propósito de esclarecer as figuras e as palavras, bem como a crítica que ele vê implícita nelas. Para este leitor, o significado deste texto é de que Edmundo é um bom jogador de futebol. Isso se faz entender através da expressão “*joga um bolão*”, o que já está ao mesmo tempo justificando o tamanho maior da figura da bola em relação à do cérebro, razão do aumentativo “*bolão*” empregado pelo aluno. O leitor justifica também o tamanho menor do cérebro dizendo que o jogador “*não pensa antes de fazer as coisas*”.

A influência da experiência de vida deste aluno aparece de forma evidente em seu texto. A começar pelo espaço dedicado aos comentários relativos ao jogador, em comparação ao que é dedicado a explicar a charge propriamente dita, já se pode notar a relevância dada ao primeiro: ele utilizou dezoito linhas para falar do jogador e quatro para falar da charge.

A disposição formal de seu texto também nos parece revelar um aspecto importante. Na medida em que o aluno

divide o seu texto em três partes separadas, nota-se que ele isola o seu conhecimento relativo ao mundo (observa-se o espaço de duas linhas ao final da primeira parte) do conhecimento relativo ao texto oferecido pela escola (entre a explicação da bola e do cérebro ele deixa apenas uma linha). Identifica-se que, embora o aluno tenha recorrido ao seu universo de conhecimentos para explicar o texto e o tenha feito de maneira funcional, a nosso ver, sentiu-se inseguro para incorporar informações que adquiriu fora da escola, àquelas que são solicitadas pela instituição. Parece-nos que, para esse aluno, a escola e o cotidiano são duas entidades distintas. Sabe-se ainda que essa concepção com relação à instituição escolar não se limita somente a esse aluno, mas constitui, infelizmente, a visão geral que se tem da escola e que é reforçada por ela própria, pois, conforme afirma Maria de Lourdes M. Matencio:

“(...) o trabalho com a leitura remete-se ao uso do texto como pretexto para estudo da gramática e à concepção redutora de texto que o vê como uma somatória de palavras. A esse ponto de vista, acresce-se uma visão da leitura como decodificação de conteúdos que deverão ser avaliados pelo professor.” (Matencio, 1994, p. 41)

#### Leitor 2

- 1 - *Antigamente jogadores suavam a camisa por*
- 2 - *seu time. Não jogavam só por dinheiro, é porque*
- 3 - *gostava mesmo.*
- 4 - *Mas hoje em dia jogadores jogam só por*
- 5 - *dinheiro, ganhando salários imensos. Ficam famosos*
- 6 - *por ter seus carros importados e casas lindas.*
- 7 - *O importante esquecem de usar o cérebro.*
- 8 - *Brigam em campo, xingam os aniversários,*
- 9 - *até mesmo seus companheiros.*
- 10 - *Com essa conclusão da para perceber*

## O UNIVERSO DO LEITOR

- 11 - *que não raciocinam. Temos como exemplo*
- 12 - *um jogador muito conhecido pela sua fama*
- 13 - *de fazer gols, mas muito brigão. É ele*
- 14 - *mesmo Edmundo!*

Logo no primeiro parágrafo deste texto é possível observar que o aluno faz uma retrospectiva comparando os jogadores de “*antigamente*” com os atuais. Buscou inferências do passado, pois, a expressão “*suavam a camisa por seu time*” generaliza e afirma que os jogadores anteriores a estes tinham prazer em jogar e defender seu time. Por outro lado, no próximo parágrafo, mostra a sua visão em relação aos jogadores recentes, de que todos são oportunistas e mercenários visando apenas angariar a fama através de “*seus carros importados e casas lindas*”. O aluno está naturalmente desenvolvendo as informações adquiridas por ele sobre o futebol, dessa maneira expõe sem censura sua idéia e deixa conciso seu ponto de vista. Pressupõe-se, então, que ele acompanhou a trajetória dos jogadores de futebol e aponta virtudes e erros cometidos por eles. Apenas no terceiro parágrafo é que começa a fazer referência ao “*cérebro*”, visualizando o lado negativo dos jogadores em relação às atitudes violentas que cometem dentro de campo. Assim, faz transparecer mais uma crítica de relevância: a ignorância entre eles. Conclui seu texto, novamente frisando, de modo geral, a falta de inteligibilidade dos jogadores “*não raciocinam*”, exemplificando o “*Edmundo*”. Para o aluno, a maioria das pessoas sabe de sua existência, por ele ter a capacidade de “*fazer gols*” e por ser “*muito brigão*”.

É interessante observar que apenas no final individualiza um jogador, ou seja, para ele a falta de respeito e de patriotismo está presente em todos os jogadores. Citou



o Edmundo por ter o nome na charge, mas seus defeitos são comuns, por fazer parte de um futebol atual.

A leitura que o aluno fez da bola não foi muito significativa, relacionou-a com o futebol. A interpretação ficou a desejar, pois não se adentrou o suficiente, a fim de buscar um sentido mais amplo na figura em questão. Não conseguiu atingir um nível de leitura profunda, mas trouxe outros conhecimentos que tinha armazenados em sua memória, acrescentando em seus textos novas informações além daquelas na charge.

### Leitor 3

Futebol:

- 1 - diz que para ser um jogador profissional tem que ter um bom raciocínio,
- 2 - pois, se um jogador como o Edmundo provocar uma briga em campo, é normal que a torcida também fique furiosa, pode haver conflitos entre as duas torcidas adversárias, e haver mortes
- 3 - e graves ferimentos; é por isso que todos
- 4 - devemos ter a “cabeça no lugar” e se controlar o máximo para impedirmos brigas
- 5 - e conflitos entre nós!!!
- 6 - Basta termos “consciência”!!!

O texto escrito por esta aluna mostra que ela fez algumas inferências que são essenciais para a compreensão da charge. O título dado por ela ao seu texto já mostra que entendeu que o assunto é futebol. Nas linhas três e quatro, ela mostra que identificou o jogador que constitui o alvo da crítica, quando se refere a ele empregando um pronome definido: “o Edmundo”. Também mostra que sabe de quem se trata ao se referir a ele como alguém que é capaz de

## O UNIVERSO DO LEITOR

provocar brigas em campo. Ainda sobre este jogador, há nas palavras desta aluna uma idéia implícita de que ele não raciocina com coerência, pois, conforme ela menciona nas linhas um e dois “(...) *para ser um jogador profissional tem que ter um bom raciocínio, (...)*”, qualidade que, na opinião dela, ele não tem.

Essa leitora ainda extrapola as informações do texto e tece alguns comentários pessoais sobre as conseqüências que pode ter o comportamento de um jogador desta índole. Ela acredita que seja possível ele deixar a torcida furiosa, podendo gerar conflitos entre as torcidas adversárias e ainda causar mortes e ferimentos (linhas cinco a oito). Como conclusão dessa sua reflexão, a aluna retorna às idéias da charge nas linhas oito e nove de seu texto, frisando a necessidade de que todas as pessoas tenham a “*cabeça no lugar*”. Para enfatizar, ela empregou a expressão entre aspas. O destaque que deu a estas palavras, além de reafirmar o conceito que ela já havia tentado passar com relação a esse jogador de futebol, a nosso ver, é também uma tentativa de explicar o texto. Ao observarmos esta charge, podemos perceber que a figura da bola ocupou o lugar onde deveria estar a figura do cérebro. Em outras palavras, o primeiro quadrinho representa o jogador Edmundo, pois ali está sua assinatura. Nesse quadrinho, em lugar do seu cérebro, está a bola de futebol, daí compreendemos a expressão empregada pela aluna “*devemos ter a cabeça no lugar*”. Parece-nos que, na opinião dela, ele não tem a cabeça no lugar, tanto na charge, quanto na realidade. Idéia que se confirma no último parágrafo, onde é empregada a palavra consciência, também entre aspas.

O que se nota, então, é que embora a aluna não tenha se expressado com absoluta clareza, dado o seu nível

de escolaridade e, portanto, sua dificuldade ainda em organizar o código escrito, ela tentou, à sua maneira, explicar os símbolos gráficos presentes no texto que leu. Talvez a dificuldade de encontrar vocabulário adequado a tenha levado a sintetizar suas idéias em tão poucas palavras destacando-as com o emprego das aspas. Ressaltamos aqui que esta aluna empregou não apenas seu conhecimento prévio em relação ao futebol, mas também em relação à linguagem. A idéia desenvolvida pela estudante poderia ser expressa de muitas maneiras, mas esta foi a forma encontrada por ela e que traduz sua subjetividade.

Queremos lembrar ainda o papel do professor que, ao se defrontar com fatos assim, pode aproveitar o que o aluno já tem e acrescentar o que lhe falta. No caso desta aluna, revela-se uma boa leitora, entretanto, necessita de auxílio no sentido de desenvolver de maneira mais explícita sua expressão escrita.

O texto 2, constitui-se também numa charge com a qual foi desenvolvido um trabalho de leitura em sala de aula. Os alunos que fizeram parte deste trabalho são os mesmos que participaram da leitura do texto 1. Dentre os quarenta alunos-leitores, serão tomados como exemplo neste capítulo três textos que pertencem respectivamente aos mesmos alunos que tiveram seus textos destacados anteriormente. Selecionamos os textos dos mesmos estudantes, a fim de estabelecer uma comparação entre a leitura que os mesmos leitores fizeram dos diferentes textos.

A primeira charge trabalhada é um texto que trata de um assunto mais conhecido, que é o futebol. A segunda já exige uma interpretação mais profunda porque é um texto mais ambíguo e pressupõe um conhecimento que, segundo percebemos, não faz parte da realidade dos alunos, porque não é assunto de interesse para essa faixa etária.

## O UNIVERSO DO LEITOR

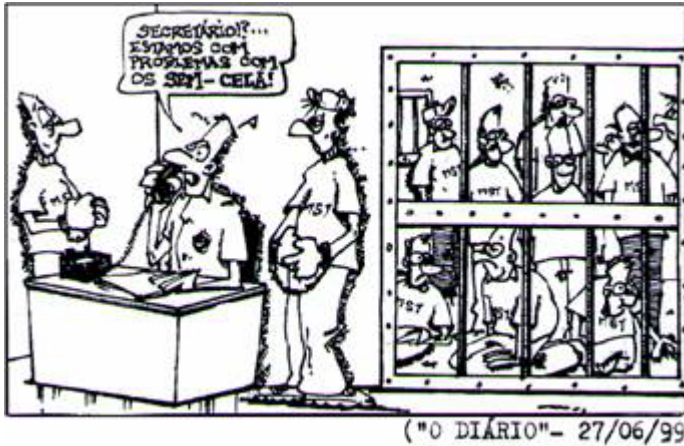


Figura 2 – Texto 2

Observando, então, a mesma seqüência de leitores empregada para avaliar a leitura do texto 1, fizemos a análise da leitura do texto 2.

### Leitor 1

- 1 - É porque chegaram dois presos novos e as celas
- 2 - estão cheias, e se eles entrarem no mesmo lugar vão acabar
- 3 - brigando com os outros.
- 4 - Explicação – Vão acabar brigando, por que os presos já
- 5 - estão bravos por causa das celas cheias, e eles não vão
- 6 - querer mais dois presos para compartilhar esse espaço
- 7 - pequeno.

O que se pode perceber é que a interpretação que este aluno fez deste texto foi apenas constatar que dois presos que acabaram de chegar estavam sem celas, e, caso entrassem na cela, poderia ocorrer uma briga entre eles porque já estava cheia. Os demais presos não estariam dispostos a dividir o espaço que, na opinião dele, já era

pequeno. Pode-se observar que o aluno não conseguiu ir além do que está claramente visível na charge e ainda não fez menção a um dado que é a sigla na camiseta dos presos: MST. Assim, não procedeu a relação entre os “sem-terra” e “sem-cela”, realizando então uma leitura que poderíamos classificar como rasa, pois apenas descreveu o que está dito claramente não percebendo a crítica nas entrelinhas da charge.

Notamos que novamente esse aluno dividiu o texto em partes, desta vez duas, nas quais tentou separar uma descrição do texto e uma explicação. Na segunda parte que ele denomina de “*explicação*”, ele se limita quase apenas a repetir o que foi dito na anterior, acrescentando a ela apenas o que ele vê na postura dos presos que estão dentro da cela. Na opinião dele os presos “já estão bravos”. Percebemos que esta é uma conclusão do aluno, uma vez que não se pode afirmar isso com segurança, pois o texto não deixa claro.

Queremos lembrar o que já foi dito sobre leitura da linguagem verbal e da não-verbal. Dizíamos que ler é ultrapassar, é transpor o verbal ou o não-verbal, percebendo o que se insinua por meio deles. Nesse caso, o aluno não realizou uma leitura satisfatória deste texto, uma vez que ele não leu o que se encontra por trás dessas palavras e dessas figuras que descreveu. Não podemos afirmar que o aluno não tenha feito uma leitura do texto, ao contrário, ele realizou uma leitura. Atribuiu ao texto um sentido que é próprio da sua subjetividade. Entretanto, se a charge se limitasse aos sentidos que ele lhe deu, constituir-se-ia num texto pouco atraente e destituído de um caráter mais artístico. O que, a nosso ver, faltou então a esse aluno, pode ser melhor explicado por meio das palavras do pesquisador Wilson J. Leffa:

## O UNIVERSO DO LEITOR

“(...) ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra.” (Leffa, 1996, p. 10)

### Leitor 2

- 1 - Para mim o desenho diz que as
- 2 - cadeias e presídios estão numa grande lotação.
- 3 - Você ouve todos os dias que mais, mais...
- 4 - pessoas vão presas. No Brasil as selas são
- 5 - para sete presos mas geralmente ficam o
- 6 - dobro de pessoas nas selas.
- 7 - Os presos são muitos maltratados nas
- 8 - cadeias e ficam muitos revoltados. Temos como
- 9 - exemplo o presídio em São Paulo Carandirú

A introdução feita pelo aluno diz respeito ao óbvio que é o excesso demasiado de presos nas cadeias, provocando, assim, uma aglutinação constante nos presídios. Aplicou um saber novo, especificando o Brasil, sobre a quantidade possível de pessoas dentro de uma cela (linhas quatro, cinco e seis) e, em seguida, comenta que esta norma não é cumprida, e que, na verdade, colocam-se mais: o dobro.

Identificou, através de suas inferências, o descaso que acontece com frequência nos presídios, mencionando as palavras “*maltratados*” e “*revoltados*”, características comuns aos presos brasileiros. Finalizou seu texto informando-nos da existência de um presídio em São Paulo, o qual contribui com a violência e o desrespeito com relação aos presidiários, o Carandiru.

O aluno desenvolveu seu texto através dos conhecimentos anteriores por ele adquiridos e tentou utilizá-los a fim de completar sua interpretação. Embora o tema exposto na charge fugisse da sua vivência, ele apresentou argumentos relevantes, como de um cidadão bem informado

sobre o que acontece em sua nação. Porém, não conseguiu atingir uma compreensão profunda, por limitar-se a relatar a situação precária dos presídios de hoje. A sigla nas camisas dos presos não foi mencionada em nenhum momento. Talvez para o aluno não era de fundamental importância, observando-se que o mesmo não relacionou os chamados “sem-cela” com a sigla MST dos “sem-terra”, o que deixa evidente que não leu a crítica estabelecida na charge. Portanto, pode-se dizer que a ambigüidade do texto não foi explorada pelo aluno. Fazemo-nos valer novamente das palavras de Leffa para explicar melhor:

“(...) a riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor.” (Leffa, 1996, p. 15)

### Leitor 3

- 1 - Diz, que o número de presos é maior
- 2 - que o número de celas, assim eles ficam
- 3 - mal acomodados e sendo tratados como se
- 4 - fossem animais, e nem porque são presidi-
- 5 - ários eles devem ser tratados com estupi-
- 6 - dez.
- 7 - “...problemas com os sem-celas.”

Com relação a esta estudante, notamos que realizou uma leitura que podemos dizer um tanto superficial. Isso se deve à observância de que a mesma apenas decodificou e reproduziu os símbolos gráficos presentes no texto.

Das linhas um a três, percebemos que a leitora se limita a relatar aquilo que lhe aparece explicitamente no texto. A seguir, até a metade da linha quatro, ela emprega

## O UNIVERSO DO LEITOR

um pouco mais sua subjetividade, quando compara o tratamento recebido pelos presos ao tratamento que se dá aos animais. Após esse pequeno comentário, notamos que ela emite sua opinião sobre o que vê no texto. Assim, acredita que eles não deveriam ser tratados desse modo: “com estupidéz”.

Na linha sete, observamos que a aluna sintetiza o assunto da charge em uma única frase. Para ela o texto retrata unicamente os “*problemas com os sem-celas*”.

Percebe-se que a leitura que ela fez do texto ficou um pouco comprometida, vez que a estudante não ultrapassou as informações que aparecem claramente, não percebendo que o texto encerra, por meio delas, uma crítica. Nota-se ainda que, mesmo entre as informações que aparecem nitidamente, há uma que não foi percebida, que é a sigla inscrita na camiseta dos presos. Isso se deu possivelmente porque o significado dessa sigla não faz parte do seu universo de conhecimentos, e, portanto, não lhe pareceu um aspecto relevante que merecesse qualquer explicação. O fato de a aluna não atribuir significado a essa sigla foi o que, a nosso ver, prejudicou mais profundamente seu diálogo com o texto e por conseqüência não permitiu atribuir um significado maior a ele. O pensamento de Vilson Leffa citado para explicar a postura do Leitor 1, poderia certamente ser repetido aqui, pois também esta aluna não viu “*outra... coisa*” no texto, além do que lhe aparece explícito.

Dos três leitores tomados como exemplo, o que notamos na leitura desta charge foi que a nenhum deles pareceu significativa a sigla inscrita nas camisetas dos presos. Sendo assim, embora o Leitor 2 tenha feito algumas inferências significativas e, portanto, tenha realizado uma leitura mais profunda que os leitores 1 e 3, pareceu-nos que a



falta de conhecimento prévio a respeito da questão dos agricultores sem-terra prejudicou a interação dos leitores com o texto. Queremos lembrar que a qualidade do ato de leitura é medida pela qualidade da reação do leitor frente ao texto, da sua capacidade de preencher as lacunas deixadas por ele. Para tanto, o conhecimento prévio é essencial.

Esperamos ter esclarecido a questão fundamental que norteou este trabalho, ou seja, a de que o conhecimento prévio do leitor interfere de maneira significativa na atribuição de significados ao texto no ato da leitura. Com relação ao texto 1, notamos que, por tratar de futebol, que é um assunto, que de maneira geral interessa ao grupo de leitores que fizeram parte da pesquisa, não houve grandes dificuldades quanto à interpretação. Os alunos, na sua grande maioria, conseguiram estabelecer um diálogo com o texto, atribuindo sentido a ele e preenchendo assim os implícitos que se reservavam à intervenção do leitor. A grande maioria dos leitores foi buscar em sua memória todos os conhecimentos que possuíam sobre o jogador que foi mencionado na charge e observamos que esses conhecimentos os auxiliaram na compreensão do texto e serviram como argumentos para sustentar a explicação que apresentaram da charge.

Quanto ao texto 2, percebemos que o significado que a maioria dos alunos lhe atribuiu, diz respeito muito mais ao que está explícito do que às lacunas que estão presentes no texto a solicitar a intervenção do leitor. O grupo de leitores pertence a uma faixa de idade cujos interesses não giram muito em torno de notícias referentes a questões sociais ou políticas do país. Por essa razão, a maior parte dos alunos não atribuiu importância à sigla que está exposta na camiseta dos personagens, e, sendo assim,

## O UNIVERSO DO LEITOR

não perceberam que o texto diz muito mais, além do que eles conseguiram decodificar.

A princípio pode parecer óbvio que não se consiga dialogar com aquilo que não se conheça com certa afinidade. Entretanto, queremos acrescentar que o presente trabalho também vem mostrar que o papel do professor é de um contínuo investigador. Deve estar sempre buscando perceber o que seus alunos já possuem e o que lhes falta, para, a partir daí, orientar seu trabalho. O leitor, quando em processo de desenvolvimento, precisa ser sempre lembrado de que o texto foi escrito por alguém, de quem ele não tem a presença e nem a confirmação se sua leitura está correta ou não. Sendo assim, há uma grande exigência: ele necessita constantemente buscar perceber as intenções de quem escreveu e essas intenções nem sempre se fazem presentes a nível textual, às vezes estão no nível mais profundo do texto e, para isso, o papel do professor é também fundamental.

## REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. *Leitura do Texto Literário: Lector in Fábula*. Tradução por Mário Brito. Lisboa: Presença, 1979.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto; leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1997.

KLEIMAN, Angela. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. 5ª ed. Campinas: Pontes, 1997.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da Leitura*. Porto Alegre: Flagra, 1996.

MARQUES, Regina Maria Hulbner. *Leitura em Crise na Escola; as alternativas do professor*. 11ª edição [ por ] Vera Teixeira de Aguiar [e outros ] Org. Regina Zilberman. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Leitura Produção de Textos e a Escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1994.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de Ler – Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 1981.

VIGNER, Gerard. “Intertextualidade, Norma e Legibilidade”. Trad. por Paulo Otoni. In: GALVES, Charlotte Orlandi, PUCCINELLI, Eni e OTONI, Paulo. *O Texto; leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1997.

## O UNIVERSO DO LEITOR

*Recebido:* Março de 2003

*Aceito:* Agosto de 2003

*Endereço para correspondência:*

Gizéle Mancuzo de Brito  
Rua Vasco da Gama, 66, casa 02  
Jardim Novo Horizonte  
87005-210 Maringá PR  
mancuzobrito@aol.com

Valda Suely da Silva Verri  
Rua Alexandra 251  
Residencial Patrícia  
87040-460 Maringá PR  
valdasuely@terra.com.br